

por Sérgio Dávila

fotos Mujica

CAFÉ UNDO

t
erra

P

Segundo o “Aurélio” e a convicção geral, “cafundó” quer dizer lugar de difícil acesso, ermo. Significa também **deus-me-livre**, fim de mundo. Cafundó é tudo isso e muito mais. É o nome de uma comunidade negra **singular**. Iniciada por um escravo em 1888, mesmo a 140 quilômetros de São Paulo, ficou **isolada** até 1977, inventou sua própria língua, a “**cupópia**”, e ainda resiste, no ano que marca os 300 ►

eta

▶ anos da morte de Zumbi. Entre os 60 habitantes, pretos na maioria, está uma filha de escravos de 112 anos (leia texto na página ao lado). Eles são liderados pela “prefeita” Maria Aparecida Rosa de Almeida Caetano, 50, a dona Cida. Vivem na miséria e brigam pelas terras. Mas querem conforto. E perpetuar suas raízes.

Pelos buracos da parede

Até 1977, apesar de ficar a menos de meia hora do comércio local, Cafundó estava fechada para o mundo. “A gente via um carro passar e corria para o barracão”, conta dona Cida, a líder informal. “Era tudo de barro, então a gente olhava o homem branco pelos buracos da parede.”

Esta “ilha” negra é um bairro rural de Salto de Pirapora, cidade do oeste paulista sob área de influência de Sorocaba. Sua origem está na herança que um casal de escravos recebeu em 1888, ano da morte de seu senhor e da Abolição da Escravidão.

Joaquim Manoel de Oliveira Congo (nome de seu dono mais o país de origem) e sua mulher, Ricarda, são os antepassados comuns dos Almeida Caetano e dos Pires, que vivem hoje em Cafundó. As famílias não se dão.

A herança original dos dois escravos foi 90 hectares (90 mil metros quadrados). Oficialmente, os cafundoenses contariam hoje com metade disso, depois que o lugar foi tombado pelo Condephaat, em 1990. De verdade, os cerca de 20 barracões e casebres de tijolo e teto de amianto se espalham por oito hectares.

É difícil chegar. Uma pequena placa na beira de uma rodovia indica a estrada de terra a seguir. Três bifurcações e seis quilômetros depois, numa estrada que acaba no centro de um vale de eucaliptos, está uma porteira e a placa, escrita na língua local: “Cafundó, túri vimbundo” (Cafundó, terra de homens pretos).

“Assim não acaba nunca”

Ninguém de lá consegue explicar o porquê do isolamento. “A gente foi ficando”, diz dona Cida. Na comunidade acadêmica, ainda não há estudos a respeito. Os negros que vivem em Cafundó mantêm poucos traços de seus

PESQUISA

já existe dicionário de cupópia

Linguista, Sílvio Vieira de Andrade Filho, 50, uniu paixão e descoberta: sistematizou e colocou no papel uma linguagem que até então só existia falada —a maioria dos habitantes de Cafundó é analfabeta.

Sua tese de doutorado, “Um Estudo Sociolinguístico da Comunidade Negra do Cafundó”, defendida na USP em 1993, põe minuciosamente os pingos nos is da “cupópia”.

“Comecei a visitar a comunidade em 1989”, lembra Andrade, que é casado, tem dois filhos e mora em Sorocaba. Por quatro anos, ele passou todos os seus sábados em Cafundó.

O resultado é um calhamaço de 260 páginas, com dicionário e glossário. O material, uma das fontes desta reportagem, aguarda publicação. “Se fosse algo como ‘Zélia, Uma Paixão’, já estaria impresso”, cutuca.

Como não é, ele espera resposta de várias editoras universitárias, entre elas a Editora da USP (Edusp). E propostas de editoras particulares.

antepassados. Talvez o formato dos barracões, algumas roupas de festividades, certos pratos e tradições, tudo meio descaracterizado pela miséria.

O principal, porém, é uma língua exclusiva, rica, “inventada” e falada apenas lá. A “cupópia”, incrivelmente prolixa e poética. “É a única coisa que a gente tem”, diz dona Cida.

Todos sabem o português e a “cupópia”. Na presença de estranhos, os cafundoenses preferem a segunda. “A gente fala na frente dos brancos quando não quer que eles entendam”, revela ela. “E ensina as crian-



No alto, Dona Cida, a prefeita informal, na capelinha de uma comunidade que se declara católica, mas pratica o candomblé e a umbanda, “porque a gente aceita tudo”; no alto, à direita, o linguista Sílvio Vieira de Andrade Filho, que decodificou a “cupópia”, língua falada em Cafundó, em tese de doutorado defendida com sucesso na USP; à direita, a cafundoense tia Dita, 112 anos, filha de escravos, que nasceu depois da Lei do Ventre Livre (mas antes da Abolição), lembra dos castigos impingidos pelos senhores aos negros e está cansada “desse mundo cruel”

ças, assim não acaba nunca.”

A “descoberta” da cupópia pelos estudiosos, em 1978, iniciou o fim do isolamento de Cafundó. “Toda hora vem gente de escola, os doutores, fazer entrevista”, diz dona Cida. “Mas ajuda, que é bom, nada”.

Há muitos problemas no lugar apelidado em Salto de Pirapora de “o bairro dos pretos”. Como principais, dona Cida aponta a falta de escola, posto médico e esgoto. A eletricidade chegou em 1985 (trazendo consigo alguns rádios e televisões). Água encanada, há cinco meses.



“Já teve um colégio aqui perto, a gente mandava as crianças”, lembra a mulher. “Veio até pessoal do Mobral dar aula para os velhos. Depois acabou tudo”. Segundo dona Cida, “eles’ fazem de propósito, pra gente se animar e depois ficar triste”.

Logo que a imprensa local, atraída pelos estudiosos, começou a falar de Cafundó, não faltou auxílio. O Movimento Negro Unificado chegou a criar o Projeto Cafundó, em 1979, que fornecia assessoria jurídica, recursos materiais e alimentos.

Entidades beneficentes de Soroca-

ba doaram material de construção, para acabar com as antigas casas de sapé. A prefeitura de Salto distribuiu sementes, para incrementar a plantação, de arroz, feijão, mandioca e milho. Um pomar foi criado.

Hoje, passada a novidade, sobrou pouco. A terra, maltratada, já não garante o consumo interno. Um galinheiro raquítico subsiste. “Acabou a fartura”, diz dona Cida.

Os habitantes sobrevivem como bóias-frias, vigias, empregadas domésticas. “Eles vão, ganham o dinheiro e voltam para cá”, resume. ▶

“minha mãe levava surra de chibata”

“Ih, que chateação”, é a primeira reação de tia Dita. Para ela, “essas entrevistas não ajudam nada o Cafundó”. Aos 112 anos, filha de escravos, Benedita Pires deve saber do que fala.

Sua mãe era a escrava Antônia, filha do escravo que deu origem a Cafundó. Tia Dita, como é conhecida, nasceu e sempre viveu na comunidade.

Segundo a líder dona Cida, sua longevidade se deve ao fato de ser solteira. “Quando quis casar, meus pais não gostaram do namorado”, conta tia Dita. “Fiquei como Deus quis.”

Ela é protestante há 26 anos. “Tenho a ‘Bíblia’, mas não sei ler”, diz. “Você já leu sobre a ‘barca de Noé’?”, pergunta.

“Pois a nova liquidação do mundo está perto. Quantos séculos faltam para o ano 2000?”

Mora sozinha, não sai há dois anos, está com catarata e surdez parcial. Tem boa memória: “Vi minha mãe levar surra de chibata do senhor”. Tia Dita nasceu em 1883, depois da Lei do Ventre Livre (1871), mas antes da Abolição (1888).

Ela não sabe quem é o presidente do Brasil — “parece que é um doutor” —, mas recorda de “Montoro e Kércia. Levaram a gente para uma festa no São Paulo”, diz. “Ê, São Paulo véia... Pra caipira não dá.”

Mostra uma foto carcomida na parede de seu casebre. “O alto é meu irmão, o baixo, meu pai, ainda no cativeiro”. Tia Dita gosta de falar de “antes”.

“No tempo que tinha rei, meu pai dizia que era tudo sim, sim, não, não. Hoje é lero-lero, fica só no sarapatel.” Termina: “Não vejo a hora de Deus me levar deste mundo ingrato”.

saiba decifrar a cupópia do vimbundo

O nome da língua falada pelos membros da comunidade de Cafundó é “cupópia”. Também conhecida como “falange” (menos usado), tem 160 palavras de origem africana, 15 verbos e dois advérbios.

Acredita-se que a “cupópia” exista desde a criação de Cafundó, no fim do século passado. Suas palavras viriam do quimbundo, do umbundo e do quicongo, que são três línguas do grupo de línguas chamado banto, proveniente de Angola.

Apesar da estranheza do som, a “cupópia” pode parecer familiar ao brasileiro. É que a língua usa palavras africanas dentro da estrutura fono-morfo-sintática do português.

Explica-se. Para dizer, por exemplo, “o que engole o feijão”, os cafundoenses dizem “o que cuenda o chipoque”. Assim, a estrutura é a mesma, só mudam as palavras-chave.

A seguir, veja algumas palavras-chave em “cupópia”:

- **acuendá:** ir, fazer ir
- **alá, turpã, zambi:** Deus
- **anguta:** mulher
- **cafundó:** baixada
- **camanaco:** criança
- **cuendá:** chegar, pôr, pegar, trazer
- **cupópia:** fala, conversa
- **curima:** trabalho
- **injequê:** recipiente
- **injó:** casa
- **naná:** o que reveste
- **nâni:** fraco, baixo, pequeno
- **orofômbi:** homem branco
- **quilombo:** distância
- **tata:** homem
- **tec:** noite
- **variá:** comer
- **vava:** água
- **vavuro:** muito
- **vimbundo:** homem preto

► Casada, a porta-voz de Cafundó (todos a indicam para gente de fora que começa a fazer muita pergunta) tem três irmãos, três filhas e sete netos. Todos moram lá. Negra corpulenta, usa um relógio masculino.

Já trabalhou como empregada. Hoje, coordena as atividades em Cafundó, principalmente no barracão de reuniões que fica ao lado de sua casa. E cuida das festas religiosas.

“O povo só queria dormir”

A religião é o que divide as duas facções de Cafundó. Os Pires, protestantes, não falam mais a “cupópia”, não dão entrevistas, trabalham na cidade e negam seus antepassados. Usam Cafundó apenas para morar.

Os Almeida Caetano, dos quais dona Cida é expoente, são mais receptivos e gostam de assumir sua “negritude”. Consideram-se católicos, mas praticam a umbanda e o candomblé sem problemas.

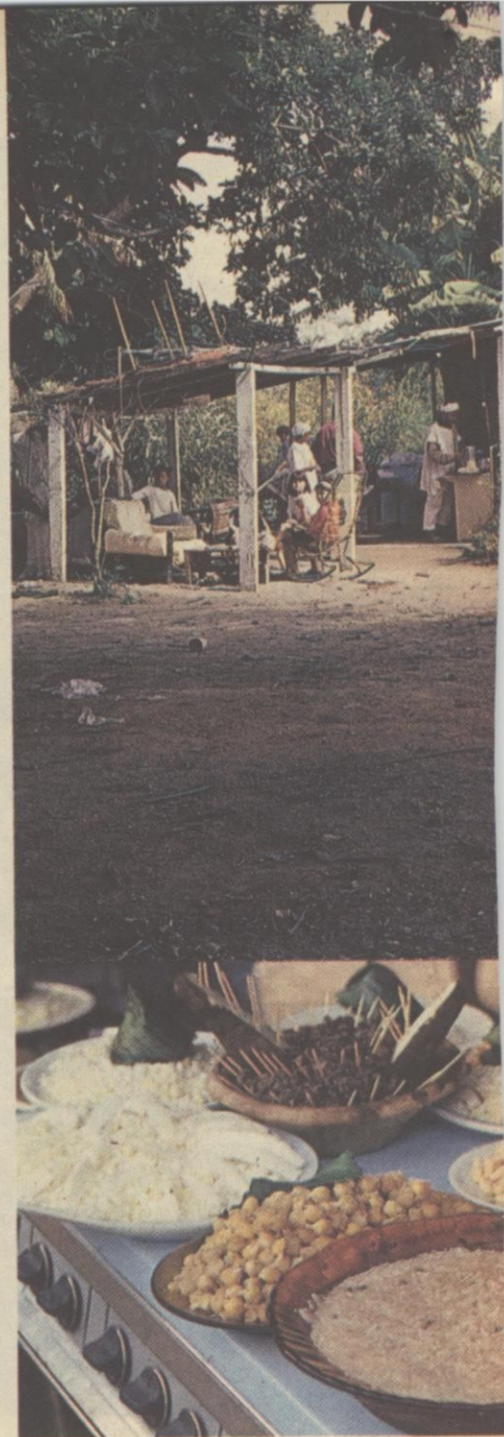
“A gente aceita tudo, né?”, diz dona Cida, para em seguida contar uma história, reproduzida também na tese “Um Estudo Sociolinguístico da Comunidade Negra de Cafundó”, de Sílvio Vieira de Andrade Filho.

Há alguns anos, Otávio Caetano, líder que antecedeu dona Cida, já morto, levou para Cafundó um sujeito de apelido Pernambuco. O novo habitante havia curado uma doença do “padrinho Otávio”, como era conhecido, e ganhou o status de curandeiro. Passou a dar consultas informais a toda a comunidade.

Dois anos depois, por intrigas de terra, Pernambuco foi convidado a se retirar de Cafundó. “A partir daí, toda a gente começou a sentir sono”, lembra dona Cida. “O povo só queria saber de dormir.”

Padrinho Otávio encontrou em sua casa duas marcas, uma vermelha e uma preta, deixadas por Pernambuco. Achou também uma lata enterrada. Dentro, pimenta e os nomes de todos os cafundoenses. “A pimenta é oferenda para Exu”, explica dona Cida. “Os nomes são para destruir as pessoas.”

A história tem final feliz. Uma curandeira de fora foi chamada e desfez o feitiço. Todos rezaram em agra-



decimento numa capelinha que fica logo à entrada, cujas estantes misturam estátuas de santos a copos com água, velas e plantas.

Caxapura e mafambura

As plantas são parte atuante da medicina praticada em Cafundó. Servem para as doenças classificadas como “caxapura”. Estas são as curáveis por remédio.

Se os medicamentos não conseguem sucesso, porém, o caso passa a ser “mafambura”, ou doença causada por feitiçaria.

tijolo é pão da terra

Para uma simples palavra em português, muitas vezes a “cupópia” usa uma frase enorme. Geralmente, o resultado é poesia.

- **tenhora da mucanda:** enxada da escrita (caneta)
- **bicuanga do túri:** pão da terra (tijolo)
- **coçumbadô da caméria:** captador do rosto (televisão)
- **o que cuenda no viçó:** o que anda nos olhos (paisagem)
- **andaru vavuro do injequê do vava:** fogo grande da bolsa de água (raio)
- **respeito do ingômbi:** respeito do gado (arame farpado)
- **injequê do avere do camanaço:** bolsa do leite da criança (seio)

- **sângi do andaru que cuenda no injó de alá:** ave de fogo que anda na casa de Deus (avião)
- **nangá do viçó:** roupa dos olhos (óculos)
- **vimbundo do Cafundó cupopeia nâni na mucanda:** o homem preto do Cafundó não fala nada através da leitura (o cafundense é analfabeto).
- **curimadô do nhoto:** trabalhador do corpo (coração)
- **tata do sêngui:** homem do mato (macaco)
- **sângi do tec que vareia o mafingue do ingômbi:** ave da noite que se alimenta do sangue do gado (morcego)
- **vava do ique:** água do açúcar (mel)



Acima, à esquerda, barracão de tijolo e telha de amianto onde acontecem as reuniões da comunidade; à esquerda, vatapá preparado para a festa mais tradicional da comunidade, a “Saída dos Santos”, como chama dona Cida, ou a “Saída de Oxóssi”, como prefere seu irmão mais velho

▶ COMO CHEGAR

De São Paulo, vá pela rodovia Raposo Tavares até a saída para Salto de Pirapora. Na entrada da cidade, pegue a rod. Salto-Pilar até o km 6. Ali, entre à dir. na estrada de terra que vai à Barra. Então, ande seis km (indicados por placa) até Cafundó

No dia em que deu a entrevista, dona Cida levava ramos de arruda atrás das orelhas. “É para sarar uma mafambura que me puseram e que deu dor de cabeça”, revelou. Funcionou.

“Agora, quando a pessoa fica doente mesmo”, completa, “acaba morrendo, porque a gente tem que andar seis quilômetros para ligar para a ambulância.”

Um irmão e uma sobrinha dela morreram, consequência de um ataque epilético (a incidência de epilepsia é grande na comunidade). Dona Cida explica: “O doutor demorou a

chegar, os dois não aguentaram, o nervo deles estourou.”

Misturou tudo

Dona Cida garante que atualmente os brancos são até aceitos em Cafundó. “Mas a gente prefere nós aqui e eles lá”, define. “Os brancos inventaram o escravo. Meu trisavô Congo foi comprado, eles compravam preto naquela época que nem se compra gado hoje, sabe?”

Segundo ela, a miscigenação é recente. “Antes só tinha preto aqui. Hoje tem mulato, loiro, zóio verde, zóio

azul, até bem pretinho. Misturou tudo, mas não tem problema.”

Não há crimes em Cafundó. “Só tem assassinato de vez em quando, mas é gente de fora que vem matar para pegar as terras”, diz. Dona Cida afirma que, de vez em quando, aparecem policiais por lá. “O povo gosta de falar que em Cafundó não vai nem polícia, mas é complexo deles.”

“Sol que está indo”

Das 20 casas de Cafundó, seis têm televisão. Logo que chegou a eletricidade, a líder ganhou uma. Recentemente, acabou doando o seu aparelho à filha mais velha. “Dá vergonha de ver junto com genro, netos, porque aparece coisa muito forte”.

O cinema também bateu na porta da comunidade. Em 1987, um filme de média-metragem foi rodado lá, pelo diretor Joel Imaji. Dona Cida nunca assistiu à obra. Sua lembrança é matemática: “Desde que o japonês fez o filme, dez pessoas morreram.”

Agora, a líder de Cafundó tenta conseguir que um professor vá dar aula de português de graça para as crianças. “Não é porque eu não sei ler nem escrever que os mais novos também têm que não saber”, diz.

Ela não abre mão da “cupópia”, porém. “A gente faz roda para ensinar as crianças a falar e para contar a história dos antepassados”, orgulha-se. “Mas elas perguntam muito e às vezes dá uma preguiça...”

No seu jeito simples, é a senha para dizer que ela não quer mais dar entrevista. Já é hora do “sol que está indo” (tarde). Além desta, há outras duas divisões de tempo para a “cupópia”: “O sol que está vindo” (manhã) e “o sol que já foi” (noite).

Nesse momento, passa o irmão de dona Cida, Juvenil Norberto. Pede aos estranhos R\$ 1,50 “para inteirar o almoço”. Dona Cida reprova. Juvenil sai com o dinheiro em direção a um casebre, de onde vem uma música. “É a casa da pinga”, diz ela.

Então, de dentro de sua casa aparece um de seus netos. Traz nas mãos um game portátil, barulhento. Dona Cida olha feio. Vira-se e diz: “Ele ganhou de uns paulistas.” E entra. ■